

A + B (16 set. 1886)

A. – Vou dizer-lhe uma cousa incrível, mas verdadeira. Tenho uma ideia...

B. – Guarde-a, guarde-a... Uma ideia, amigo! É encafuá-la; é metê-la nos cafundós do espírito.

A. – Pois sim, mas não há inconveniente em confiá-la a um amigo discreto; não é seguramente botá-la ao meio da rua. Você sabe que as ideias dos homens são como os filhos das mulheres; lá vem a hora... A minha completou agora mesmo os seus nove minutos... Vamos, apare-a nos braços. Sabe que no Recife, não só se desconfia que houve desfalque na Tesouraria, em vez de roubo, mas até já se suspeita que o método ali empregado foi o mesmo do “English Bank”.

B. – Já sei: os tais maços de notas miúdas com uma nota grande por fora, fazendo tudo um conto de réis aparente, mas na realidade uns cento e tantos mil-réis.

A. – Tal qual.

B. – Mas que ideia lhe deu isso?

A. – Veja lá se adivinha.

B. – Não posso.

A. – Imaginei que algumas das nossas cabeças públicas podem ser assim compostas de uma grande nota por fora e outras miúdas por dentro. Contos de réis de caçoada... Que lhe parece? Fiquei tão contente com esta conjectura, que até me deu vontade de dançar um minuete... Trá-lá-lá, trá-lá-lá, lá-lá... Compreende, não? Uma nota grande, vistosa, cem mil-réis, encapando uma porção de quinhentos réis muito rafados, e embaindo a multidão. A multidão aplaude, crê nos rolos de dinheiro, adivinha outros, e dança como eu, – trá-lá, trá-lá-lá.

B. – Bem pode ser.

A. – Vá ouvindo. Espontaneamente, ou para animar as turbas, um dos presentes grita: “Viva o conto de réis!” Mil vozes repetem: “Viva o conto de réis!” E jura-se que não há menos de um conto de réis, que há até mais. Mas lá vem um que apenas possui uns cento e vinte mil-réis, em notas pequenas e espalhadas, e fica triste, sente-se invejoso, e clama que o conto de réis, embora certo, é falso.

B. – “Embora certo”, confesso que é sublime. Não acham outro meio de desmoralizar esses contos de réis, senão dizer que são falsos, embora certos.

A. – Falso? replicam os outros; é preciso não conhecer dinheiro, para dizer que esta nota é falsa. Não há nada mais verdadeiro; tão verdadeiro como Deus que está no céu.

B. – A sua ideia, entretanto, esbarra numa dificuldade. As notas não podem ficar emacadas; há despesas... o dono tem de abrir os maços, distribuir o dinheiro...

A. – Há despesas, mas há também crédito. Uma nota grande por fora é a alavanca do crédito intelectual. Para que serviria então a velha instituição dos fiados? Fia-se tudo, até a reputação.

B. – Não sabia desta. Depois é que aparecem os desfalques.

A. – Raro, muito raro.

B. – Como raro?

A. – Quando os desfalques começam a aparecer, a multidão está ocupada com outro conto de réis, – que pode ser verdadeiro ou falso, – mas é outro, e ninguém dá fé dos desfalques, ou todos os desculpam. Aqui entra uma boa liquidação sossegada, e adeus.

B. – Compreendo; refere-se à História.

A. – Deus de Misericórdia, não! Não vou tão longe. A História é uma bela castelã, muito cheia de si, e não me meto com ela. Mas a minha comadre Crônica, isso é que é uma boa velha patusca, tanto fala como escreve, fareja todas as cousas miúdas e graúdas, e põe tudo em pratos limpos.

B. – Se fosse em pratos mal lavados, era capaz de saber também alguma coisa dos dois mil contos daquela companhia francesa, os tais que fomos condenados a pagar.

A. – Não é outra cousa, esses contos são verdadeiros.

B. – Como verdadeiros? Então acha que devemos entregar assim...

A. – Homem dos diabos, não digo isso; digo que esses contos pedidos e concedidos (por ora) são dos que não comportam desfalques. Se houvermos de pagar (*quod Deus avertat*), há de ser em maços certos – certos e contados.

B. – Mas convenha que é horrível; pagar certo e receber errado.

A. – Antes errado que nada. Antes alguma cousa pouca nos cofres e nas cabeças, que uma simples hipótese – uma ou duas. Mas já é tarde; adeus.

B. – Não; leia primeiro este trecho de um discurso do meu amigo Cândido de Oliveira, proferido ontem na câmara dos deputados. Queixa-se de quererem pôr a câmara abaixo do senado. Mas como é que ele ainda não percebeu que o senado tem mais força que a câmara, e deve tê-la?

A. – Lá isso não. Tanto percebeu, que deseja entrar para lá, e com razão, porque o merece. Na Inglaterra, o Sr. Gladstone não deseja nem por sombras que a rainha o meta na câmara dos lords; justamente porque a dos comuns é mais forte. Toda a retórica do mundo não responde a esta comparação sociológica. Agora, mosque-se; até depois.

JOÃO DAS REGRAS [MACHADO DE ASSIS]
[*Gazeta de Notícias*, p. 1, 16 set. 1886]
Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda